

ANJOS DO CEL: MEDIAÇÃO, INCLUSÃO E CULTURA DE PAZ NO ESPAÇO ESCOLAR

ANJOS DO CEL: MEDIATION, INCLUSION, AND A CULTURE OF PEACE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-055>

Regina Celia Marinho Coutinho

Mestre em Letras (PROFLETRAS/IFES), 2024
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), 2023
E-mail: Reginna_mc@yahoo.com.br
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9519506323046405>

Ana Elena dos Santos Baiense

Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação – UNIVIC -2023
E-mail: anaflorbaiense@gmail.com
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/8292742039821441>

Morgan Fonseca Santiago

Pós-graduado: metodologias e práticas para o Ensino Fundamental
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), 2023
E-mail: Morgan_tj@hotmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7514498766743281>

RESUMO

Este projeto é uma medida que busca juntamente com os participantes do projeto, professores da sala comum, profissionais da educação especial, equipe do Apoie e gestão escolar, construir caminhos para uma escola mais acolhedora, onde se aprenda a conviver de forma respeitosa com as diferenças e que essas sejam vistas como forma de enriquecer a vida por meio da troca de experiências, além de produzir aprendizado, tornando possível o desenvolvimento de habilidades socioemocionais indispensáveis a vida em comunidade, como também contribuir para permanência dos estudantes na escola, uma vez que, ao se sentir acolhido, respeitado e compreendido espera-se que o espaço escolar seja mais atrativo. Essa proposta é dividida em três etapas: observação dos conflitos, formação do grupo responsável pela ação, escolha dos participantes, formação dos participantes para atuarem como anjos do Cel. e acompanhamento do trabalho deles em promover uma cultura de paz e o combate ao bullying dentro da escola.

Palavras-chave: Acolhimento; Bullying; Cultura de paz; Diversidade; Inclusão escolar.

ABSTRACT

This project is a measure that seeks, together with the participants, regular classroom teachers, special education professionals, the Apoie team, and school management, to build paths toward a more welcoming school. It aims to foster respectful coexistence with differences, viewing them as opportunities to enrich life through the exchange of experiences, in addition to producing learning. This makes it possible to develop socio-emotional skills that are essential for community life, as well as to contribute to students' permanence in school. When students feel welcomed, respected, and understood, it is expected that the school environment becomes more attractive. This proposal is divided into three stages: observation of conflicts, formation of the group responsible for the action, selection of participants, training of participants



to act as "Angels of Cel," and monitoring of their work in promoting a culture of peace and combating bullying within the school.

Keywords: Bullying; Diversity; Inclusive education; Mediation of conflicts; School permanence; School welcoming; Peace culture.



1 INTRODUÇÃO

A escola contemporânea é um espaço marcado pela diversidade em suas múltiplas dimensões — social, cultural, étnico-racial e pela presença significativa de estudantes da Educação Especial. Diante desse cenário, torna-se indispensável construir práticas pedagógicas que valorizem as diferenças, favoreçam o respeito mútuo e incentivem a convivência saudável entre os estudantes. Materiais de orientação, como o *Guia Prático para Educadores sobre diálogos e mediação de conflitos nas escolas*, elaborado pelo Conselho Nacional do Ministério Público, ressaltam a importância de fomentar estratégias educativas que privilegiem a cultura de paz e a resolução dialógica de conflitos no ambiente escolar (BRASIL, 2014).

Nesse contexto, emergem desafios recorrentes relacionados à intolerância, ao desrespeito e, sobretudo, ao bullying, que impactam diretamente a permanência e a qualidade da experiência escolar. A Lei nº 13.185/2015, ao instituir o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, reforça a responsabilidade das instituições educacionais de implementar ações preventivas e formativas, capazes de superar abordagens meramente punitivas e contribuir para a construção de uma convivência mais ética e respeitosa (BRASIL, 2015).

É nesse cenário que surge o projeto “Anjos do Cel”, desenvolvido na Escola Estadual Coronel Gomes, como resposta às demandas atuais. Seu propósito é fomentar o respeito à diversidade, a empatia e a solidariedade, ao mesmo tempo em que oferece instrumentos para que os estudantes atuem como mediadores de conflitos no ambiente escolar. A iniciativa busca, assim, contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel social, fortalecendo o compromisso da escola em ser um espaço acolhedor, democrático e comprometido com a valorização das diferenças.

2 METODOLOGIA

Este texto configura-se como um relato de experiência que descreve o processo de implementação do projeto desde sua etapa inicial, direcionado a estudantes de uma escola pública estadual do município de Anchieta, inseridos em uma comunidade socialmente vulnerável e pouco assistida. Após a escolha dos participantes, iniciou-se a formação dos estudantes selecionados. Antes disso, realizou-se uma reunião com todos os alunos indicados pela equipe de professores, conforme o perfil definido pelos organizadores, ocasião em que o projeto foi apresentado de maneira geral e os estudantes receberam uma carta-convite para participação. A seleção teve início nas reuniões de conselho de classe do 1º trimestre e foi concluída semanas depois, resultando em uma lista de 29 alunos, dos quais 22 participaram efetivamente do treinamento. Como parte da proposta, foi organizada três oficinas estruturada para favorecer a participação ativa e a reflexão crítica dos estudantes ao longo do processo.

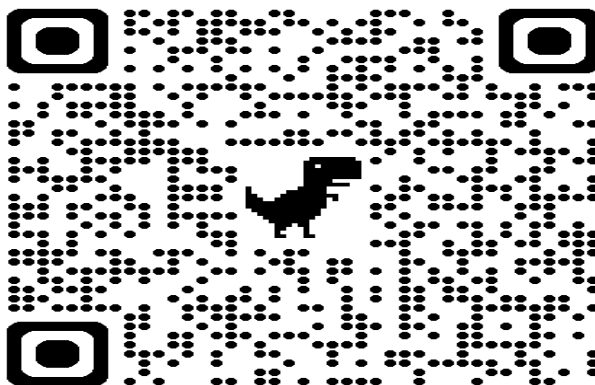
2.1 OFICINA 1 – REFLEXÃO SOBRE O BULLYING

O primeiro encontro teve como objetivo sensibilizar os estudantes para a compreensão crítica do fenômeno do bullying. A atividade iniciou-se com uma roda de conversa de aproximadamente 30 minutos, em que os participantes compartilharam experiências pessoais, respondendo se já haviam sofrido ou presenciado situações de intimidação sistemática e como reagiram.

Em seguida, foi apresentada uma situação hipotética envolvendo um estudante chamado Leonardo, vítima de boatos, apelidos, agressões físicas e ameaças virtuais, para análise e discussão sob diferentes perspectivas.

Na sequência, os alunos participaram de um quiz digital em formato verdadeiro ou falso, com duração de 20 minutos (15 para resposta e 5 para conferência), que possibilitou consolidar os conhecimentos sobre o tema e refletir sobre as consequências do bullying no ambiente escolar, a figura 01 apresenta o QR Code utilizado no quiz.

Figura 01 - Quiz sobre o bullying: verdadeiro ou falso



Fonte: Coutinho, 2024.

Neste momento os participantes compartilharam suas experiências e desafios enfrentados. Esse momento reforçou o compromisso dos alunos com a missão de transformar a escola em um ambiente mais acolhedor e inclusivo conforme a figura 02.

Figura 02 – Momento de sensibilização dos estudantes e compartilhamento de experiências



Fonte: Coutinho, 2024.

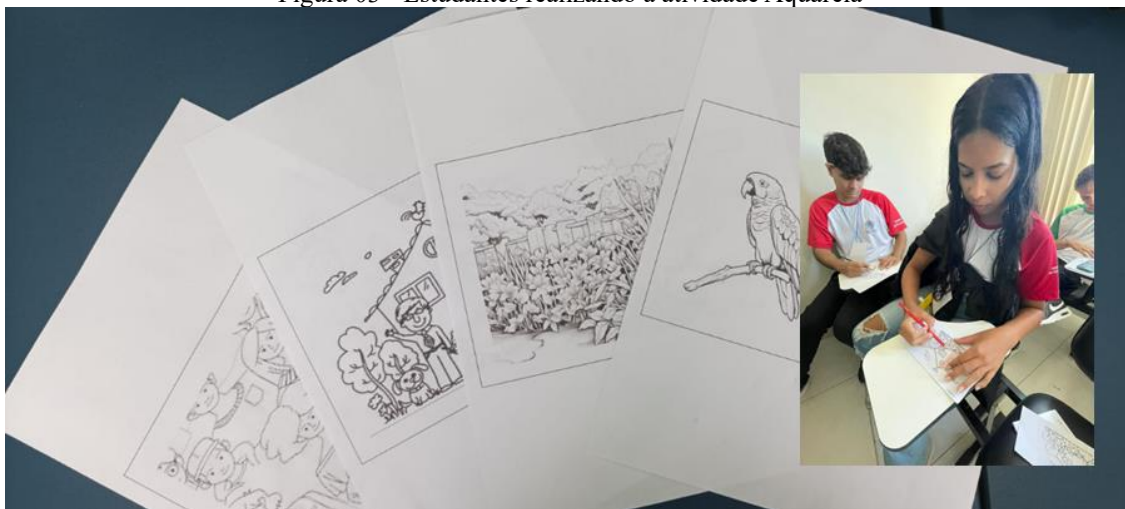
Como forma de inspiração e encerramento da atividade, foi apresentado o clipe da música "Ainda Bem" de Michelle Nascimento, que aborda temas de superação e fé. A canção foi escolhida por sua mensagem positiva e alinhada aos objetivos do projeto.

2.2 OFICINA 2 – DIVERSIDADE E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

A segunda oficina teve como propósito estimular a valorização da diversidade e o fortalecimento do respeito mútuo no ambiente escolar. Para iniciar, foi realizada a dinâmica das semelhanças e diferenças, na qual o mediador solicitou que os estudantes se levantassem conforme possuísem determinadas características pessoais ou preferências, como ter cabelo cacheado, morar próximo à escola, ser tímido, gostar de matemática ou educação física, apreciar diferentes estilos musicais, assistir a doramas, dedicar muitas horas a jogos eletrônicos, possuir olhos claros, utilizar aparelho ortodôntico, ter irmãos mais novos, residir em apartamento, gostar de verduras e legumes, preferir o inverno, apreciar a leitura. Ao final da dinâmica, os alunos foram incentivados a compartilhar suas percepções, refletindo sobre como as semelhanças e diferenças presentes no grupo evidenciam a diversidade e contribuem para a construção de um convívio coletivo mais inclusivo.

Na sequência, os estudantes participaram da atividade Aquarela, voltada para a expressão individual e coletiva por meio da arte. Cada participante recebeu quatro desenhos (jardim, pássaros, prédios e rostos). Metade da turma foi orientada a colorir utilizando apenas uma cor, enquanto a outra metade pôde utilizar cores variadas. Após a socialização dos trabalhos, discutiu-se qual produção era considerada mais bonita, promovendo um diálogo sobre criatividade, escolhas individuais, percepção estética e diversidade de perspectivas dentro de um contexto coletivo. Conforme a figura 03.

Figura 03 - Estudantes realizando a atividade Aquarela



Fonte: Coutinho, 2024.

Na sequência das atividades, os estudantes receberam cópias impressas do poema “Se não der para ser amor, seja ao menos respeito”, de Bráulio Bessa, e foram incentivados a comentar as partes que mais apreciaram e explicar os motivos de suas escolhas. Além disso, deveriam identificar o assunto central do texto. Caso nenhum aluno destacasse os versos “Se não der para ser amor / Seja pelo menos respeito”, o professor reforçava a importância desses trechos, promovendo uma reflexão sobre o valor do respeito como princípio básico da convivência. Para encerrar esta etapa, os estudantes assistiram ao vídeo do próprio Bráulio Bessa recitando o poema, dando voz e emoção ao conteúdo apresentado (Vídeo do poema). A atividade permitiu aos alunos compreender de forma sensível a diversidade, a tolerância e o respeito às diferenças, reforçando a ideia de que a diferença nunca foi um defeito.

Durante a oficina foi apresentada uma reportagem sobre um estudante autista que faleceu após sofrer bullying, seguida do vídeo do Fantástico, com destaque para as implicações legais da violência escolar. Os alunos foram informados sobre a legislação brasileira que protege crianças e adolescentes contra a intimidação sistemática conforme a figura 04.



Figura 04 – Leis que embasaram o projeto

Lei / Documento	Ano	Principais Disposições	Relevância para o tema
Constituição Federal	1988	Garante direitos fundamentais, dignidade da pessoa humana, direito à educação, proteção integral da criança e do adolescente.	Base normativa suprema que sustenta todas as demais legislações relacionadas aos direitos de crianças e adolescentes.
Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069	1990	Consolida os direitos da criança e do adolescente; prevê medidas de proteção contra violência, negligência e discriminação.	Marco legal central na defesa dos direitos infantojuvenis, incluindo a proteção contra práticas de violência escolar.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394	1996	Estabelece princípios e normas da educação nacional; prevê que a educação deve visar ao pleno desenvolvimento do educando e ao exercício da cidadania.	Orienta políticas educacionais e escolares, promovendo um ambiente formativo livre de discriminação e violência.
Lei nº 13.185 – Programa de Combate ao Bullying	2015	Define bullying e suas formas; cria programa de prevenção e combate em escolas, clubes e demais ambientes de convivência.	Primeira lei específica voltada ao enfrentamento do bullying no Brasil.
Lei nº 14.811	2024	Atualiza a legislação com medidas de proteção contra violência escolar, bullying e cyberbullying; prevê penalidades como multa e prisão em casos graves.	Avanço mais recente no ordenamento jurídico, fortalecendo a responsabilização de agressores e a proteção das vítimas.

Fonte: Coutinho, 2024.

Foram também apresentados dados nacionais indicando que mais de 40% dos adolescentes entre 12 e 17 anos já vivenciaram situações de bullying, enquanto um em cada dez sofreu cyberbullying, com maior incidência entre meninas. Por fim, os estudantes foram informados sobre canais de apoio e segurança online, como o HelpLine Brasil e o serviço nacional canaldeajuda.org.br, que oferecem suporte via chat, e-mail e messenger, com profissionais capacitados para orientar vítimas em situações de intimidação, chantagem, extorsão, *ciberstalking* e compartilhamento não consensual de imagens íntimas.

2.3 OFICINA 3 – CAPACITAÇÃO SOCIOEMOCIONAL

Os alunos participaram de atividades conduzidas por profissionais especializados da equipe do APOIE, com foco no desenvolvimento socioemocional. A oficina buscou fortalecer competências essenciais para a mediação de conflitos, destacando o autoconhecimento como ponto de partida para a compreensão das próprias emoções e limites; a escuta ativa, que possibilita o exercício da empatia e a valorização da fala do outro; e a comunicação não-violenta (CNV), entendida como ferramenta fundamental para prevenir situações de conflito e promover interações respeitadas no cotidiano escolar.

Durante a capacitação, foram realizadas dinâmicas colaborativas e simulações de situações reais de convivência escolar, possibilitando que os estudantes vivenciassem, na prática, estratégias de diálogo e resolução pacífica de conflitos. Além disso, foram apresentadas técnicas de manejo de emoções e de postura ética frente a situações de bullying, discriminação e intolerância, aproximando os conteúdos trabalhados da realidade concreta vivida pelos participantes.

Esse processo não apenas os preparou para exercer o papel de mediadores de conflitos em sua escola, mas também reforçou a ideia de que a mediação não é apenas um instrumento de resolução de problemas, mas um caminho de construção coletiva de uma cultura de paz, respeito e acolhimento dentro da comunidade escolar conforme a figura 05.

Figura 05 – Palestrante da equipe de apoio da SEDU



Fonte: Coutinho, 2024.

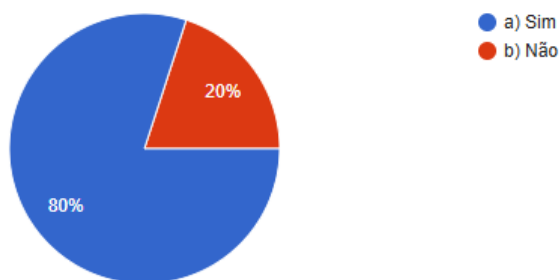
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao término das oficinas, foi aplicado um questionário de avaliação com o objetivo de analisar a efetividade do treinamento e alinhar a atuação dos estudantes junto aos colegas. A ferramenta permitiu verificar a compreensão dos conteúdos abordados, a percepção dos participantes sobre as atividades desenvolvidas e o grau de preparo dos estudantes para exercerem um papel ativo na promoção de um ambiente escolar mais respeitoso e inclusivo.

Figura 5 – Resultados do questionário da percepção dos alunos sobre o projeto

1) As atividades trabalhadas foram adequadas a sua turma?

15 respostas

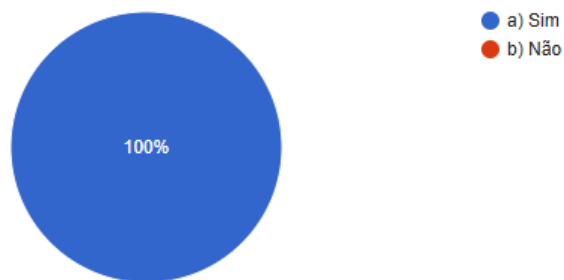


(a)



2) A forma que as atividades foram apresentadas foi clara?

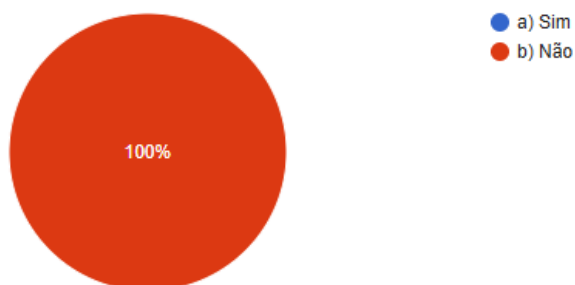
15 respostas



(b)

3) Você teve dificuldade de entender as atividades propostas?

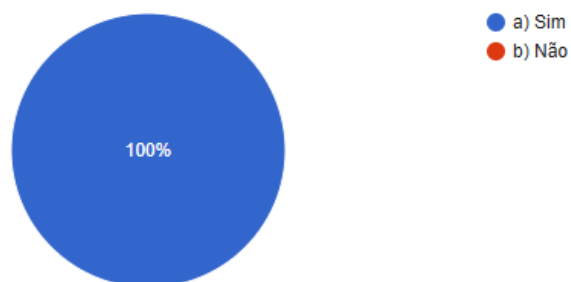
15 respostas



(c)

4) Na sua opinião, o tema trabalhado no projeto é importante?

15 respostas



(d)

5) Em uma escala de 1 a 5, o quanto você acha que as atividades propostas podem contribuir para o combate ao bullying em nossa escola?

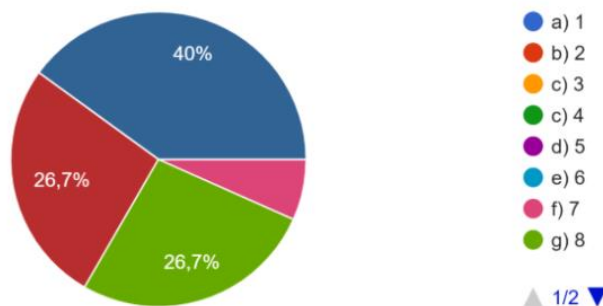
15 respostas



(e)

6) Numa escala de 1 a 10, qual nota você daria para as atividades propostas?

15 respostas



(f)

A análise das respostas mostra que a maioria dos estudantes avaliou as atividades como adequadas à turma, indicando que o projeto conseguiu dialogar com o perfil da classe e atender às expectativas e necessidades do grupo, incluindo alunos com necessidades especiais. O predomínio da resposta “Sim” evidencia que as propostas foram bem recebidas, embora algumas respostas “Não” sinalizem que parte dos alunos não se reconheceu integralmente nas práticas desenvolvidas, reforçando a importância de diversificar estratégias para contemplar diferentes formas de aprendizagem (SANTOS; LIMA, 2019).

No que diz respeito à clareza na forma de apresentação, a unanimidade das respostas positivas demonstra que os estudantes compreenderam bem as orientações fornecidas (Figura 5a). Esse resultado indica que a comunicação foi eficaz e que as instruções foram transmitidas de forma acessível, favorecendo a participação ativa dos alunos. Essa percepção está em consonância com Kolb (1984), que enfatiza que a aprendizagem experiencial depende de instruções claras e da oportunidade de envolvimento ativo nas atividades propostas (Figura 5b).

Quanto à dificuldade de entendimento, a maioria respondeu “Não”, (Figura 5c), confirmando que as propostas foram compreensíveis e bem estruturadas. Contudo, algumas respostas indicaram a necessidade de acompanhamento individual, evidenciando que ações personalizadas podem fortalecer a equidade na aprendizagem, como recomendado pelo Conselho Nacional do Ministério Público (2014) sobre mediação e atenção às necessidades específicas de cada estudante.

Em relação à importância do tema trabalhado, quase todos os alunos reconheceram sua relevância, (Figura 5d) percebendo que as atividades contribuíam para o desenvolvimento pessoal e coletivo, promovendo reflexões sobre respeito, convivência e prevenção de situações de bullying. Esse resultado dialoga com Elias (2011), que ressalta que projetos educativos sobre violência escolar e bullying fortalecem competências socioemocionais e promovem valores éticos nos estudantes.

Na escala de 1 a 5 sobre a contribuição das atividades para o combate ao bullying, as respostas concentraram-se entre “4 – Ajuda bastante” e “5 – É extremamente eficiente” (Figura 5e). Essa



concentração revela que os alunos perceberam impacto positivo das ações na redução de comportamentos de intimidação, corroborando Olweus (1993), que destaca a eficácia de programas estruturados de prevenção ao bullying quando há engajamento ativo dos estudantes.

Por fim, na escala de 1 a 10 para avaliação geral das atividades, os estudantes atribuíram notas predominantemente altas, variando entre 7 e 10, com recorrência de 9 e 10 (Figura 5f). Esse dado confirma a efetividade do projeto, destacando sua capacidade de engajar os alunos e produzir resultados significativos na construção de um ambiente escolar mais saudável e colaborativo, alinhando-se com experiências práticas de projetos como o desenvolvido pelo IFCE (2017), que evidencia que ações em que os alunos atuam como protagonistas fortalecem a cultura de respeito e cooperação no ambiente escolar.

4 CONCLUSÃO

A análise dos resultados obtidos pela oficina demonstra que a proposta inicial — promover a integração entre estudantes, professores e equipe escolar a fim de construir um ambiente mais inclusivo e acolhedor — foi alcançada de forma satisfatória, alinhando-se aos objetivos traçados. As participações dos alunos evidenciaram engajamento com as atividades, assim como uma postura colaborativa diante dos desafios apresentados. Esse envolvimento contribuiu para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, responsabilidade e trabalho em equipe, fortalecendo o papel dos estudantes como agentes ativos na construção de uma escola mais democrática.

As respostas e percepções coletadas durante a oficina reforçam a importância da continuidade da ação, de modo a consolidar um processo formativo sistemático e permanente, capaz de dialogar com as demandas atuais do ambiente escolar. Essa perspectiva encontra respaldo em Elias (2011), ao destacar que o enfrentamento da violência escolar requer estratégias educativas contínuas, pautadas no diálogo e na construção coletiva de valores de respeito e solidariedade.

Para futuras edições, recomenda-se ampliar a articulação com projetos interdisciplinares, valorizando práticas que envolvam diferentes áreas do conhecimento, bem como estratégias que aprofundem a reflexão sobre acessibilidade, diversidade e respeito às diferenças. Experiências exitosas, como a desenvolvida pelo Instituto Federal do Ceará (2017), demonstram que iniciativas voltadas à prevenção e ao combate ao bullying e ao cyberbullying podem servir de inspiração e fortalecer ações que priorizem a mediação de conflitos e a promoção de uma convivência escolar mais saudável.

Por fim, a experiência evidenciou que a criação de espaços de diálogo e cooperação não é responsabilidade restrita a uma área específica, mas deve ser um compromisso coletivo de toda a comunidade escolar. A oficina mostrou-se um recurso pedagógico valioso, com potencial de replicabilidade em outras turmas e unidades, fortalecendo o vínculo entre ensino, inclusão e cidadania.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. *Diálogos e mediação de conflitos nas escolas: guia prático para educadores*. Brasília, DF: CNMP, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 152, n. 212, p. 1, 6 nov. 2015.

ELIAS, M. A. *Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema*. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ (IFCE). Campus Iguatu. *Projeto de prevenção e combate ao bullying e cyberbullying no IFCE Campus Iguatu: “E se fosse com você”?* Iguatu: Departamento de Assuntos Estudantis – DAE, 2017.

KOLB, D. A. *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice Hall, 1984.

OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Malden: Blackwell, 1993.

SANTOS, M. A.; LIMA, L. C. Bullying na escola inclusiva: desafios e estratégias de intervenção. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 32, n. 61, p. 1-18, 2019.